

ANTÓNIO GOMES DO CÉU

(ANTIGO SOLDADO DO C. E. P.)

FUI CHAMADO  
PARA A GUERRA...

POEMA

COM ALGUMAS PALAVRAS DE  
AFONSO LOPES VIEIRA E TAMBÉM  
DO REV. P. MANUEL V. FIGUEIREDO

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

LISBOA

1 9 6 7

Na guerra de 1914 a 1918  
o teu bisavô fez uma grande  
parte destas quadras, as outras  
fê-las já depois de ter chegado  
a Portugal.

Era um homem de espírito sã,  
como tu meus querido netinho,  
irás fazer os possíveis para ser  
sempre.

Tua avó Sã

**FUI CHAMADO  
PARA A GUERRA...**

**POEMA**

ANTÓNIO GOMES DO CÉU  
(ANTIGO SOLDADO DO C. E. P.)

FUI CHAMADO  
PARA A GUERRA...

POEMA

COM ALGUMAS PALAVRAS DE  
AFONSO LOPES VIEIRA E TAMBÉM  
DO R.DO P.E MANUEL V. FIGUEIREDO

LISBOA  
1 9 4 7

**Q**UANDO li este poema do antigo soldado do C. E. P. que nos conta o seu drama com tão comovida sinceridade, lembrei-me de que estas páginas descendem das relações da História trágico-marítima. Ai os cronistas, de cepa tão popular como a deste autor, contavam os seus naufrágios no mar — e o soldado conta-nos o seu naufrágio em terra.

Mas o que torna muito raro o caso destes versos é que pela boca do narrador falam milhares de outras bocas que não sabem exprimir-se e às quais o bardo empresta a voz. A sua voz é a do povo.

Composto através de anos longos por quem só pode pegar na pena depois de ter manejado outros mais rudes instrumentos de trabalho, este poema aparece já quando, para desgraça do Mundo, a última guerra fez esquecer aquela de que os versos nos falam.

O que não envelheceu, porém, foi o puro, honrado, humano documento nacional escrito por quem, ignorando a literatura, nos dá uma coisa muito mais singular — e que se chama poesia.

Moel, 1945.

AFONSO LOPES VIEIRA

*Se o poeta de Muel ainda vivesse, com certeza teria muito gosto em apresentar a 2.<sup>a</sup> edição deste Poema.*

*Mas o seu pensamento, exarado na 1.<sup>a</sup> edição, será o núcleo à volta do qual vão estas «duas palavras» pedidas pelo autor do Poema.*

*Afonso Lopes Vieira não foi só amável com o autor deste livro qualificando-o de poeta autêntico; foi simplesmente objectivo.*

*Sobre um tema aparentemente pouco sugestivo de poesia — a guerra de 1914 — um simples soldado, através de uma série de sextilhas de género popular, dá-nos uma visão exacta do que ela foi para o soldado português. Cada um dos episódios constitutivos do poema é apanhado no seu traço característico e vital que nos causa uma sensação de agrado. E sente-se que por detrás das palavras e episódios seleccionados está um homem são de espirito, representante do que há de valor no soldado português.*

*E é o que se me oferece para dizer como apresentação desta 2.<sup>a</sup> edição do livro do Sr. António Gomes do Céu.*

M. V. FIGUEIREDO

1

Um dia, foi em Dezembro,  
Eu ainda bem me lembro,  
Perdi a minha alegria.  
Fui chamado para a Guerra,  
Abalei da minha terra  
A apresentar-me em Leiria.

2

Fui a pé pelo caminho,  
Mas como ia sozinho  
Foi profunda a comoção!  
Minha noiva idolatrada  
E minha mãe adorada  
Levava no coração!

3

Foi tão terna a despedida  
Da noiva e da mãe querida  
Que me deixou magoado.  
Minha mana era criança,  
Iria também para a França  
Outro meu irmão soldado.

4

A caminho da estação  
Marchava o meu batalhão  
Pelo meio da cidade.  
Olhei o velho castelo  
E o Lis formoso e belo  
Que me deixavam saudade.

5

Esposas, mães e irmãs  
E velhos cheios de cãs  
Vieram ver-nos passar.  
Ao despedir-se dos seus,  
Ficavam dizendo adeus  
Muito tristes a chorar.

6

Ao embarcar na estação  
Comoveu-me o coração  
Ver tanta gente a chorar.  
Debruçados nas janelas  
Víamos lindas donzelas  
Com os lencinhos no ar.

7

O comboio deu partida,  
Na sua voz dolorida  
Muitos nos dizem adeus.  
Noivas, mães e irmãs  
Lá ficaram coitadinhas  
A chorarem pelos seus.

8

A estação de Alcântara-Mar  
Lá fomos desembarcar,  
Seguindo pouco depois  
Para o «Um de artilharia»,  
Também para infantaria,  
Para o «Regimento Dois».

9

Dezanove de Janeiro  
No «*Pedro Nunes*» ligeiro  
Embarcámos muito bem.  
Minha alma disse então :  
— Cá levo no coração  
Minha noiva e minha mãe !

10

O Dr. Afonso Costa  
De quem pouca gente gosta  
Foi dar-nos a despedida.  
Disse lá umas cantatas  
Mas foi corrido a latas  
Ao portaló da saída.

11

O ferro levanta a proa,  
Adeus cidade de Lisboa,  
Adeus linda capital !  
Vamos p'rá guerra da França,  
Mas não perco a esperança  
De voltar a Portugal.

12

Ó senhora de Belém,  
Mãe de Deus e nossa Mãe,  
Como outrora ao grande Gama  
Livrai-nos de todo o mal  
E trazei a Portugal  
Valentes heróis de fama.

13

Já vamos no alto mar!  
Começaram a enjoar  
Muitos dos meus camaradas.  
Eu digo adeus a Lisboa,  
Vou à ré e vou à proa,  
Vejo canhões e granadas.

14

Escondeu-se o lindo sol  
E da Berlenga o Farol  
Trabalha dando sinais.  
Lá em baixo no porão  
Muitos camaradas vão  
Dando suspiros e ais.

15

Por causa do temporal  
Voltámos a Portugal  
Reparar as avarias.  
Fomos outras vez p'ra o *Dois*;  
Só embarcámos depois,  
Passados uns quinze dias.

16

Adeus linda capital  
Do meu qu'rido Portugal,  
Terra de Santa Maria.  
Adeus Vila da Marinha  
Onde está minha mãezinha,  
A quem de amparo servia.

17

Levantou-se a tempestade...  
Já não se via a cidade  
Com sua iluminação.  
Valha-nos Nossa Senhora,  
P'ra não morreremos agora  
Sem proveito p'rá Nação!

18

Vou em cima do convés,  
Bate-me a água nos pés  
E passa p'ra o outro lado.  
Abranda, Deus Poderoso,  
O grande mar Tenebroso  
Que nos tem atormentado!

19

Forma vales e montanhas  
Abrindo as suas entranhas  
Como para nos comer.  
Ó Mãe do céu e da terra!  
É bem melhor ir p'rá guerra  
Do que neste mar morrer!

20

Mas já nas águas de Espanha  
Com uma surpresa estranha  
Grita o vigia destino:  
Chama cabo o comandante,  
Porque vejo flutuante,  
Lá além um submarino.

21

Os valentes marinheiros,  
Destemidos artilheiros,  
Prontos a bombardear...  
O capitão verifica  
Que afinal era uma pipa  
Sobre as águas a boiar.

22

Três dias a navegar,  
Começámos a avistar  
Enormes barcos de guerra,  
E canhões de fortaleza,  
Brestes cidade francesa,  
P'ra nós a primeira terra.

23

Vem um piloto francês  
Ao cruzador Português  
Que atraca devagarinho.  
Saltam em terra os soldados  
E com gestos engraçados  
Pedem que lhes vendam vinho.

24

Com expressão de alegria  
Dizem todos à porfia :  
Que francesa tão gentil !  
Encha-nos lá meio litro,  
Ou um copo pequenito  
De bom vinho do barril.

25

Ela não compreendia,  
Mas pelos gestos que via,  
Inteligente mulher,  
Vê o que a gente deseja,  
Enche copos de cerveja  
Vai dizendo que é «biérre».

26

Mas lá nesse «estaminét»  
Só cerveja e café  
Havia para vender ;  
E a francesa engraçada  
Tinha uma grande maçada  
Para nos compreender.

27

Logo que desembarquei  
A um homem perguntei  
Qual a sua profissão.  
Com falinha de mulher  
— «Je sui an correér» —  
Respondeu com precisão.

28

Em Brestes fui alojado  
Num matadouro de gado.  
Mas quem é que lá dormia ?!  
Ninguém pode descansar !  
Vacas, bois, a barregar . . .  
Que maldita berraria !

29

No outro dia o jantar  
Não se podia tragar !  
Mas eu tive que gramá-lo.  
A muitos ouvi dizer :  
Eu não o posso comer  
Porque é carne de cavalo.

30

Vamos jantar a uma loja.  
O que merece esta corja  
É uma carga de pau.  
E comprámos, sem bravatas,  
Um bom prato de batatas  
Cozidas com bacalhau.

31

Servem-nos duas francesas.  
Desfazem-se em gentilezas,  
Sorriem-nos com carinho.  
Lá conseguem compreender  
Que pedimos p'ra beber  
Uma garrafa de vinho.

32

P'rá base de operações,  
Em comboio, os batalhões,  
Vão seguindo lentamente.  
Estranha alimentação :  
Marmelada, queijo e pão,  
Bolacha de quebrar dente.

33

A um hospital inglês,  
Eu baixei, por minha vez,  
Com uma constipação.  
A língua da Grã-Bretanha  
Eu achei ainda mais 'stranha  
Que a d'outra qualquer nação.

34

A conversação inglesa  
Foi motivo de surpresa . . .  
Não pude meter «bedelho».  
Vi depois muito escocês  
Com a saia de xadrez  
Curta, acima do joelho.

35

Usavam cara rapada,  
Saia de risca encarnada,  
Grevas, meias, boas ligas,  
Coxa nua muito clara,  
Que lavavam quando a cara,  
Pareciam-nos raparigas.

36

Soube que são descendentes  
Duma raça de valentes  
E duma nação guerreira.  
Mas, a um soldado escocês,  
Ouvi chamar muita vez  
«Mademosel» de trincheira.

37

Os grandes Australianos,  
Mais altos que os Lusitanos,  
Chapéu de aba levantada,  
Desportistas, jogadores,  
São heróis batalhadores  
Mas não nos ganham em nada.

38

Quis um deles, campeão,  
Dar uma demonstração  
De força a um francês.  
Fez uma proeza sua  
— Trouxe ao colo para a rua  
Um pequeno português.

Ouço passos de repente,  
 Volto-me ligeiramente,  
 Agarra-me um valentão.  
 No sabrado da cantina,  
 Ele debaixo e eu de cima,  
 Ficou estendido no chão.

Eu deixei-o levantar.  
 A mão me veio apertar  
 Para lutar novamente.  
 Deu-me tamanho puxão,  
 Mas caiu rente ao balcão  
 Apesar de tão valente.

Esses naturais ingleses  
 Levavam dos portugueses  
 Sempre que armavam «banzé».  
 De mangas arregaçadas,  
 Apanhavam bofetadas  
 E também seu pontapé.

Um dos nossos portugueses,  
 Estando com os ingleses  
 Mandou vir uma cerveja.  
 Sentou-se para beber,  
 Mas um bruto, sem ele ver,  
 Bebe-lha, ri, e graceja.

Manda vir segunda vez,  
 E o grande atrevido inglês  
 Ia para repetir.  
 Cai-lhe a garrafa na cara,  
 Uma cadeira estalara,  
 Sai a canalha a fugir.

Houve cabeças quebradas,  
 Cadeiras esmigalhadas,  
 Copos, garrafas partidas.  
 Valeram-se das canelas,  
 Saltaram pelas janelas  
 E foram curar as feridas.

45

A dona do «estaminét»  
Leu o sete no boné  
Que trazia o valentão !  
A toda a gente dizia :  
Do Sete d'Infantaria  
Deve ser o malandrão.

46

Foi ao quartel general  
Para queixar-se afinal  
Contra o grande valentão.  
Veio ordem da brigada  
Para formar junto à estrada  
O Sete, meu batalhão.

47

Entre Creques e Mamét  
Ali perto de Robéq  
Numa recta que se avista,  
Dois *camones* e a francesa  
Aparecem de surpresa  
Para nos passar revista.

48

Por nada se descobrir,  
Disse o coronel a rir :  
É bem feito nos ingleses,  
Porque dizem muita vez  
Que chega um único inglês  
Para quatro portugueses.

49

A tão estúpida vaidade  
Responde esta heroicidade  
Dos homens da nossa terra.  
Muita vez como agora  
Fazem lembrar-nos de outrora  
Os Doze de Inglaterra.

50

Um certo «chauffeur» inglês,  
Correu para um português  
Com a navalha na mão.  
Saiu-lhe cara a façanha...  
Levou do sargento Aranha  
Pontapé e bofetão.

51

Seu patife, seu canalha,  
Puxe p'ra mim a navalha!  
Disse, e deu-lhe um pontapé.  
Puxou muita navalhada,  
Mas corrido à bofetada,  
Fugiu logo de Mamét.

52

Antes de entrar a valer,  
Fomos primeiro aprender  
À frente com os ingleses.  
Mas quando foi à saída  
Logo perderam a vida  
Dois soldados portugueses.

53

Houve uma missa em Mamét  
Para os que tinham fé  
Poderem ir livremente.  
Mas um sargento, malvado,  
Tinha o pelotão formado  
Para impedir a gente.

54

Capitão Jaime Tomás  
Perguntou-lhe: o que é que faz  
Aqui com as praças formadas?  
Mande-as já destroçar,  
Que vão à missa rezar  
Por alma dos camaradas.

55

Por alma dos seus irmãos  
Devem ir erguer as mãos  
E pedir a Deus também  
Que nos não dê sorte igual,  
Pr'a voltar a Portugal  
Ver filhos, esposa e mãe.

56

Fomos levar à brigada  
Essa bandeira adorada  
Do Sete, meu batalhão.  
Garboso ia na frente  
O comandante valente  
Jaime Tomás, Capitão.

57

Alinhados, alinhados,  
Sede briosos soldados!  
Jaime Tomás repetia.  
A bandeira desfraldada  
Representa a Pátria amada  
Terra de Santa Maria.

58

Numa breve alocução,  
Disse o grande capitão  
Aos soldados da primeira:  
Rapazes! vamos p'ra frente,  
Mandaram p'ra cá a gente,  
Para lutar na trincheira.

59

Não vale a pena temer,  
Porque havemos de vencer  
Com valentia tamanha,  
E quem sabe, se no fim  
Vamos entrar em Berlim  
Na capital da Alemanha.

60

Se Deus nos der essa glória  
Cantaremos a Vitória,  
E convosco vos prometo,  
Cantarei com sentimento  
Por essa Alemanha dentro,  
A cavalo no meu preto.

61

Marchamos para as trincheiras.  
Muchila e cartucheiras  
Nunca foram tão pesadas,  
Com a roupa e o calçado  
Rancho de reserva ao lado,  
Causam-nos grandes maçadas.

62

Na grande vila do Air  
Vimos a linda mulher  
Que nos vendia a cerveja.  
Adeus ó «madosel»,  
Cá vou p'ra Neuve-Chapelle.  
Reza lá por mim na igreja.

63

Lá mais há frente em Lilleres  
Para as mais lindas mulheres  
Um risinho, uma chalaça.  
Adeus Linda, adeus amor,  
Um olhar namorador  
Bem próprio da Lusa Raça.

64

Fomos ficar a Berguete.  
E a fina gente do Sete  
Logo em seguida ao jantar,  
Posta a muchila de parte,  
Tocam guitarra com arte  
Que até faz admirar.

65

O Roldão e o Salvador  
Tocam bem que é um primor  
Juntos ao cabo Pereira.  
Toca o Rino a guitarrinha,  
São naturais da Marinha  
Só o P'reira é da Vieira.

66

Gomes e António da Engração  
Cantam bem ; mas, por desgraça,  
Cantam com a voz maviosa.  
O da Engração é casado.  
E o Gomes é namorado  
Da sua Maria Rosa.

67

Encantadas as Francesas  
Com as canções portuguesas  
Pedem-nos a tradução.  
E riem à gargalhada,  
Pois fazemos trapalhada  
Para dar explicação.

68

Madelon e Marselhesa  
Canta-nos qualquer francesa  
As lindas canções de guerra  
E o Português, trovador,  
Canta-lhes versos de amor,  
Como lá na sua terra.

69

Mais à frente é Saint-Venin  
E Lagorgue, que é irmã  
Do rio Lis Coloçal.  
Mas não do Lis de Leiria.  
Esse tem mais poesia  
Basta ser de Portugal...

70

Na vila de Bislaiulle,  
Um pomar verde e azul,  
Esteve o meu Batalhão.  
Namorei uma pequena  
Esbelta, linda e morena,  
Que me deu uma lição!

71

A essa bela francesa  
Eu pedi com gentileza  
Uma prova de afeição.  
Acedeu ao meu desejo,  
Deu-me um abraço e um beijo  
Mas pôs-me um terço na mão! <sup>(1)</sup>

(1) Ao dar-me o terço acrescentou: «quando estiver nas trincheiras  
e os Alemães bombardearem, reze a *Notre Dame de Lourde, pour la France*».

72

Estamos em Pont-do-Eme.  
Aqui já a terra treme  
Com o troar do canhão.  
Cuidado, muito cuidado,  
De noite tudo apagado,  
Por causa da aviação.

73

No dia 8 de Junho,  
Equipados de arma em punho,  
Fomos tomar posições  
Lá para Neuve-Chapelle.  
Seis dias, sem ter quartel  
Sob o fogo dos canhões.

74

Entrei como ordenança.  
E nunca tinha parança  
Nem de noite nem de dia.  
Depressa, vai a correr,  
Dizia-me o destroier,  
Tenente da companhia.

75

Ao capitão da primeira  
Três p' riscópios de trincheira  
Levei, mui sujeito ao p' rigo  
Por haver bombardeamento  
Tive que gastar mais tempo.  
Puseram-me de castigo...

76

O destroyer de uma figa  
Impertigando a barriga  
Disse p'ra o Costa Ferreira :  
Ponha-o no seu pelotão  
Onde ele veja o alemão,  
Quando assaltar a trincheira.

77

Na noite de Santo António  
Par'cia que era o demónio :  
Artilheiros e morteiros  
Fez-se um raid para lá  
E trouxeram para cá  
Uns dezasseis prisioneiros.

78

No dia treze à noitinha  
Apanhámos pela pinha  
Outro bombardeamento.  
Entraram os alemães,  
Furiosos como cães,  
Ficaram quatro cá dentro.

79

Enorme fuzilaria,  
Morteiros e artilharia  
E muita metralhadora.  
Sempre alerta, o português  
Rezava por sua vez  
À Virgem Nossa Senhora.

80

Ao Capitão Jaime Tomás,  
Já ferido, mas audaz  
Pergunta-lhe um dos ingleses:  
Quer mais uma companhia?  
Não senhor, lhes respondia,  
Bastarão os portugueses.

81

Alferes Wilton e um soldado,  
Manuel Rodrigues chamado  
Distinguiram-se a valer.  
Rodrigues foi prisioneiro;  
Mas fugiu ao cativoiro  
E voltou a combater.

82

Outro valente soldado  
Que tinha um *boche* agarrado  
Dizia aos nossos a rir:  
Afinal estes marotos  
São homens como os outros  
Que não conseguem fugir.

83

As sinetas e as businas  
Sercias grossas e finas  
Dão alarme de repente  
Porque o maldito do gás,  
Que muito mal nos faz,  
Se aproxima da gente.

84

Com a máscara na cara,  
Enquanto o canhão dispara  
A metralha contra nós.  
Mas dali ninguém fugiu  
Quais outros de Dio,  
Lembram-nos nossos avós.

85

Peito encostado às trincheiras.  
Metralhadoras ligeiras,  
Gases, morteiros, canhões,  
Granadas de artilharia,  
Até a terra tremia  
Abrindo enormes rasgões.

86

Alagava-se a trincheira.  
Sacos de terra e madeira  
Em pedaços pelo ar  
Caem-nos sobre o costado  
Mas o pobre do soldado  
Tudo tem que aguentar.

Espera-se o alemão,  
 Que trás granadas de mão,  
 Baioneta grossa e larga.  
 Mas o português, valente,  
 Espera-o de frente a frente  
 Para lhe dar uma carga.

No dia da rendição,  
 Feita pelo batalhão  
 Trinta e cinco d'Infantaria,  
 Em grupos distanciados  
 Íamos muito curvados,  
 Por causa da artilharia.

Via-se logo à saída  
 Numa grande cruz erguida,  
 A imagem do Redentor.  
 Para nos dar o exemplo  
 Da morte e do sofrimento,  
 Que merece o pecador.

Mesmo à beira da estrada,  
 Caíra muita granada  
 Que destruiu uma aldeia.  
 E só lá ficou Jesus,  
 Pregado a uma cruz  
 Como fora na Judeia.

Ao avistar essa Imagem  
 Ganhava-se mais coragem.  
 Sentia-se nova vida,  
 E pedia-se afinal  
 P'ra voltar a Portugal,  
 Ver a noiva e a mãe qu'rida.

P'ra Ponte-do-Eme seis dias.  
 Ganhar novas energias  
 Para voltar novamente.  
 Mas se o boche resistia,  
 Uns tantos, por companhia,  
 Seguiam logo p'á frente.

93

Em Julho, no dia três,  
Os boches, por sua vez,  
Atacaram fortemente.  
Andou pelos ares.  
Da Brunhosa, o Zé Soares (1)  
Foi herói, foi um valente.

94

Levaram-no prisioneiro;  
Mas o grande herói, guerreiro,  
Resolveu usar de manha.  
Praticou uma aventura.  
Saltou duma grande altura  
Fugiu mas não foi p'rá Alemanha.

95

Caiu num charco de lama,  
Que serviu de fofa cama,  
De maca, e também de abrigo.  
Nessa medonha caverna,  
Com dois tiros numa perna  
Lá escapou ao inimigo.

(1) José Soares, soldado-chefe de grupo de metralhadoras, do 7.  
natural da Brunhosa, freguesia de Pataias, concelho de Alcobça.

96

Às duas da madrugada,  
Com a perna muito inchada  
Olhou, mas não viu ninguém.  
Que será de mim agora?  
Valha-me Nossa Senhora  
Mãe de Deus e Nossa Mãe!

97

Senhora da Nazaré!  
Disse ele cheio de fé,  
Deixai-me ir a Portugal  
Abraçar a minha mãe,  
Fazei com que venha alguém  
Conduzir-me ao hospital.

98

Os seus cinco companheiros  
Dois mortos, três prisioneiros.  
E a sua metralhadora.  
Ele f'rido, muito mal  
Lá foi para o hospital  
Rezando a Nossa Senhora.

99

O combate de Setembro  
Foi a quinze, bem me lembro.  
Um grande raid alemão.  
O Alferes Gomes Teixeira  
Saltou fora da trincheira  
C'o terceiro pelotão.

100

Bravos heróis da Segunda,  
Onde cresce, e onde abunda,  
Coragem, dedicação.  
Heróis, humildes campónios  
Repeliram os saxónios  
No grande raid alemão.

101

Sargento Martinez Lima,  
Subiu p'la trincheira acima  
E prendeu um alemão  
Que nos levava um soldado,  
Que foi logo libertado  
E preso o boche saxão.

102

Sargento Silva Rebelo <sup>(1)</sup>  
Pode servir de modelo  
Como audaz Português.  
Agarrado de surpresa,  
Ia preso, com certeza,  
Se não fizesse o que fez.

103

Agarrado pelas costas,  
Jurou de ser feito às postas  
Mas de não ir prisioneiro.  
Deu com fúria desesp'rada,  
Pontapé murro e dentada  
E fugiu ao cativoiro.

104

Certo soldado alemão  
Era grande valentão.  
Não se deixava prender.  
Joaquim Evaristo Santos <sup>(2)</sup>  
Herói soldado entre tantos  
Atirou-se-lhe a valer

(1) Sargento Rebelo, do Juncal, Porto de Mós.  
(2) Joaquim Evaristo Santos, da Nazaré, Alcobça.

105

O herói peixinho arrojado  
Ao ficar atravessado  
C'um tiro desse alemão,  
A baioneta lhe cravou  
E o grande alemão tombou  
Morto, com ele no chão.

106

Mataram-se mutuamente  
Sem haver previamente  
Entre eles qualquer razão.  
E deixaram afinal.  
Na Alemanha e Portugal,  
Mulher e filhos sem pão.

107

Do meu posto de observação  
Avistei um alemão  
Muito atento, a observar.  
E depois vim a saber  
Que o maroto estava a ver  
Os nossos a trabalhar.

108

Como eu, observador,  
Mas tinha um atirador  
De *Snaipér*, <sup>(1)</sup> a seu lado.  
E observava atentamente  
Um grupo da nossa gente  
Que trabalhava a meu lado.

109

P'la hora do meio-dia  
O meu posto estremeceia,  
Caiu-me à frente um morteiro.  
À esquerda caem mais  
Ouço gemidos e ais  
Faltava-me o companheiro.

110

Durante o bombardeamento  
Não fugi, fiquei lá dentro  
Sugeditando-me à sorte.  
Ó Virgem Nossa Senhora  
Valei-me, valei-me agora,  
Livrai-me da negra morte!

(1) *Snaipér*: posto de vigia-atirador na 1.ª linha; com dois homens munidos de 1 espingarda especial, com alça telescópica; 1 óculo, carta topográfica, bússola e relógio.

111

Depois do fogo cessar  
Ouço uma voz perguntar:  
Você ainda aí está?!  
Um morteiro que explodiu,  
Cinco homens atingiu  
E um deles, morreu já.

112

Verifiquei novamente  
Que ainda tinha na frente  
Esse alemão, a espreitar.  
Olhando o ponto atingido  
Que talvez, a seu pedido,  
Mandassem bombardear.

113

Disse para o companheiro:  
Corre depressa, ligeiro.  
Pedir fogo à artilharia.  
Mencionei a posição,  
Do posto de observação,  
Que tanto mal nos fazia.

114

É no ponto M. 30.  
Escrevo a lápis e tinta  
B sessenta por oitenta,  
Com a carta orientada  
Fiz muito bem a mirada,  
É isto que representa.

115

Como a resposta tardou  
E um morteiro (1) passou.  
Pedia-lhe para observar.  
Veja bem, que esse alemão,  
Do posto de observação  
Mandou-nos bombardear.

116

Faça fogo para lá  
Mas depressa, há-de ser já.  
Ponha a alça a quatrocentos.  
Entretanto a artilharia  
Pela esquerda respondia  
Passados alguns momentos.

---

(1) Morteiro: soldado, que lançava os morteiros.

117

Pela direita os morteiros  
A rebentarem ligeiros,  
Tinham os boches cercados,  
Saiu-lhes cara, a façanha;  
Não voltaram p'ra Alemanha  
Com certeza, os desgraçados.

118

Em Rechebourgue, Sant-Vaz,  
Um excelente rapaz,  
O bom sargento Alvarrã,  
Ao espreitar mais por cima,  
Teve morte repentina  
Com uma bala alemã.

119

Foi uma bala dum-dum  
Disparada por algum  
Observador alemão.  
Era muito frequente  
Zumbir, por cima da gente,  
Esse maldito abelhão.

120

Vingar-me então eu jurei.  
E mais tarde disparei  
Do Snaipér, igualmente,  
E dois alemães tombaram,  
Creio bem que não voltaram  
A fazer fogo p'rá gente.

121

À saída do sector,  
Apanhámos tal calor  
Na estrada de Lecturét,  
Logo à primeira granada,  
Deitou-se a rapaziada,  
Só dois ficámos de pé.

122

Às árvores abraçados,  
Sangue frio e resignados  
Cada um c'o a sua sorte.  
Para salvarmos as vidas,  
Jogámos às escondidas  
Mais uma vez com a morte.

123

Não houve nenhum ferido.  
Mas ia sendo atingido  
O companheiro do lado.  
Que depois verificou  
Que um estilhaço lhe varou,  
O cantil, de lado a lado.

124

Uma noite em Lecturét,  
E atravessámos a pé  
Lacoutur e Paradi.  
Convencidos afinal  
Que a marcha p'ra Portugal  
Tinha começado ali.

125

Logo daí a três dias  
As duas artilharias  
Troavam intensamente.  
Como os boches estavam brutos!  
Lá fomos para os redutos  
A reforçarmos a frente.

126

Viu-se então em Lecturét  
Em frente dum estaminét  
O que uma granada fez:  
Um camion destruído,  
Carne e sangue ainda espargido,  
Do chauffeur que era um inglês.

127

No outro dia uma granada  
Matou um meu camarada  
Amigo desde criança.  
Era eu quem lhe escrevia  
As cartas, em que dizia  
Não volto, morro na França.

128

Atacados pelos gases,  
Muitos dos nossos rapazes  
Baixaram ao hospital.  
Por milagre do Senhor  
Tinha o vento a meu favor;  
Escapei ao grande mal.

129

Seguem-se uns dias de calma.  
E alegre-se a nossa alma  
Com esp'rança de voltar.  
Prometera o general  
Que íamos a Portugal,  
A família visitar.

130

De unidade em unidade  
Correu essa novidade:  
Tudo esp'rava a rendição.  
Mas dizem logo em seguida  
Que já não era rendida  
A primeira Divisão.

131

Segue-se o 9 de Abril.  
Caem alemães aos mil  
Em pilha na nossa frente.  
Os portugueses, cercados,  
Mostram bem que são soldados  
Da heróica Lusa Gente.

132

Recuaram os ingleses  
E os valentes Portugueses  
Já sem comunicações,  
Quase sem artilharia.  
Mas lutou a infantaria  
Enquanto houve munições.

133

Contra oito divisões  
Sem reservas, sem canhões,  
Uma divisão sòmente!  
Até à última bala,  
Como em Naulila e Nevala  
Bateram-se heròicamente.

134

Entre os mortos e feridos  
Houve heróis desconhecidos  
Valentes, como leões  
Que não foram contemplados.  
Mas houve muitos soldados  
Como o soldado Milhões. (1)

(1) Milhões, soldado herói, condecorado com a Torre e Espada. Com a sua metralhadora, e ajudado por oficiais ingleses, varreu grande quantidade de alemães em 9 de Abril de 1918.

135

Com o fogo das granadas  
As linhas estavam cortadas.  
Telefones, não havia.  
E não podiam passar  
Ordenanças, p'ra levar  
Ordens à infantaria.

136

Foi mandado um ciclista,  
E de moto, um motorista  
Ao Cinco de Infantaria.  
Apesar da ligeireza  
Não voltaram, com certeza  
Tombou-os a artilharia.

137

Diz o coronel Pedrosa:  
Está em zona perigosa  
Ferido, quase a morrer  
Um alferes desta brigada.  
Qual é o bom camarada  
Que lá vai p'ra o socorrer?

138

O bom padre Capelão  
Com profunda comoção  
Apresenta-se a dizer:  
Já que ninguém respondeu,  
Ninguém lá vai, vou lá eu!  
Não deixo órfãos, se morrer.

139

Padre Manuel Caetano <sup>(1)</sup>  
Como um herói Lusitano  
Que à vida não tem apego.  
Corre voluntariamente,  
E às costas, traz lá da frente  
O alferes Leote do Rego.

140

Em automóvel marchou.  
E a certa altura ordenou  
Ao «chauffeur»: espere aqui!  
Se uma hora for passada  
Pode ir dizer à brigada  
Que estou f'rido, ou que morri.

<sup>(1)</sup> Padre Manuel Caetano, Capelão de Infantaria 7 e antigo Prior do Côs.

141

E atirou-se com coragem  
Por debaixo da barragem  
Do fogo de artilharia.  
O bom padre capelão  
Confiou na protecção  
Da Virgem Santa Maria.

142

À voz forte do canhão  
Tinha que atirar-se ao chão  
Na lama ou na terra fria.  
Chega sem poder falar.  
O officio vai entregar  
Ao Cinco de Infantaria.

143

Perguntaram-lhe quem era.  
Como falar não pudera  
Despe a manga do capote.  
Mostra a cruz e o galão  
E a correr seguiu então  
Em busca do Alferes Leote.

144

Encontra-o f'rido, sòzinho.  
Põe-no às costas com jeitinho  
E caminha para a estrada.  
Mas daí a poucos passos  
Uma chuva de estilhaços  
Rebenta duma granana.

145

Não tinha instruções de guerra  
Para abrigar-se na terra  
Como qualquer combatente.  
Mas tinha a fé de Jesus!  
Conseguiu levar a cruz  
Como herói, como um valente.

146

Foi tormentosa a jornada  
Mas por fim chegou à estrada  
Levando o official.  
Mais feridos encontrou,  
Que juntamente salvou  
Levando-os ao hospital.

147

Depois foi condecorado,  
Como valente soldado,  
C'o a medalha cruz de guerra.  
Não esp'rava nada disto,  
Pois um soldado de Cristo  
Não espera paga na terra.

148

Depois do Nove d'Abril  
Mortos, tínhamos dez mil  
E feridos muito mais.  
Não fomos mais para a frente,  
Porque não mandou mais gente  
O grande Sidónio Pais.

149

Não quis mais gente p'ra França,  
Que o mesmo inimigo avança  
Lá na África, nossa terra.  
Temos pois que a defender,  
E não podemos manter  
As duas frentes de guerra.

150

No serviço auxiliar  
Passaram a trabalhar  
Os valentes portugueses.  
Mas a nossa artilharia  
Lutava e defendia  
Os ingleses e franceses.

151

Escassa alimentação...  
Davam meio quilo de pão  
Para seis e para oito,  
Para doze, muita vez.  
Com bolacha de chadrez  
Que chamávamos biscoito.

152

Deu-me a febre, estive mal.  
Remetem-me ao hospital  
Para a base Portuguesa.  
Tive à minha cabeceira  
Uma bondosa enfermeira,  
Uma bela «miss» inglesa.

153

Um dia, andava de pé.  
Numa sala, logo ao pé  
Ouço uma voz de senhora.  
Mas não era dessa inglesa,  
Era duma portuguesa  
Gentil, bela, encantadora.

154

Era irmã da caridade.  
Pedi-lhe com humildade  
O favor de nos falar.  
Com saudade e emoção  
Estremeceu meu coração,  
Fui obrigado a chorar.

155

Em Amblouteuse Sant-Pierre,  
Ao ouvir essa mulher  
Tive um prazer divinal.  
Senti-me reanimado,  
Como se houvera chegado  
A terras de Portugal.

156

Tive alta do hospital  
P'ra o depósito geral  
Da base de infantaria.  
Fui encontrar outra vez  
O piolhinho francês,  
Que fortemente mordia.

157

Travei luta desesp'rada  
Contra essa praga malvada  
Do piolho impertinente.  
Dois meses sem mudar roupa.  
Quando ela vinha, era pouca  
E nunca bastava à gente.

158

Fiz o fado do piolho,  
Que escaldei e pus de molho  
Co'a roupinha, que lavei.  
Mas só mais tarde, quando  
O meu camarada Armando  
Me deu roupa que mudei.

159

Contra a célebre «mão fatal»  
Ofereci-me, afinal  
Para o policiamento.  
Queriam gente oferecida,  
Capaz de arriscar a vida  
P'ra guardar o acampamento.

160

Fui polícia quatro meses.  
Cantei, chorei muitas vezes,  
A dura e triz verdade.  
Pondo em modesta poesia  
A imensa dor que sentia,  
Causada pela saudade.

161

Fui para o Sete, e depois  
Passei para o Vinte e Dois  
Para a quarta companhia.  
E marchámos para a frente  
A cantar alegremente,  
Porque o inimigo fugia.

162

Arrentiêres, Labacé,  
E atravessámos a pé  
O bosque misterioso.  
Aonde os cruéis germanos  
Estiveram quatro anos  
Como inimigo pod'roso.

163

Vi grandes destruições  
Em abrigos de canhões  
E nas pontes das estradas,  
Com barcos a engenharia  
Novas pontes nos fazia,  
Por cordas bem amarradas.

164

Árvores despedaçadas  
Tinham-lhe sido atadas  
Muitas granadas de mão.  
Um rastilho a arder ficava,  
E elas caíam na estrada  
Quando se dava a explosão.

165

As francesas libertadas  
Vinham a pé p'las estradas,  
Sem terem pão, nem ter lar,  
Procurando alguma terra,  
Aonde a maldita guerra  
Nunca pudera chegar.

166

Aconteceu muitas vezes  
Nós, soldados portugueses,  
Metermos mão ao bernal,  
Darmos-lhe do nosso pão.  
E elas diziam então:  
Merci, merci Portugal.

167

Havia povoações  
Poupadas pelos canhões,  
Desde o começo da guerra.  
Tomadas p'los alemães,  
Aonde o povo em reféns  
Ia cultivando a terra.

168

Quando nos viam marchar  
Garbosamente, a cantar  
O Hino tão Nacional,  
(Heróis do mar, Nobre Povo!)  
Diziam então de novo  
Viva, viva Portugal!

169

Uma francesa, mui bela,  
Saída-nos da janela  
Desta forma original:  
Põe nos dedos delicados  
Beijos, que atira aos soldados,  
Dá vivas a Portugal.

170

Dia onze de Novembro!  
Na Bélgica, bem me lembro  
Foi um dia assinalado,  
Porque chegou um officio  
Dizendo que o Armistício  
Já tinha sido assinado.

171

Voltámos no outro dia  
Dizendo com alegria:  
Guerra, *finis!*, camarada!  
E na cidade de Lille  
Tudo durmiu *tranquil*  
Após longa caminhada.

172

En: Berguete e em Esbergue,  
Aborrecido albergue  
Para a nossa mocidade!  
Ansiosos por voltar  
À mãe, à noiva, e ao lar  
Para matar a saudade.

173

Em Esbergue quatro meses:  
Aconteceu muitas vezes  
Eu ir longe comprar pão.  
Trazia-o, muito escondido,  
Porque era proibido  
Venderem sua ração.

174

Por não termos que calçar,  
Doze chegámos a estar  
Só na minha companhia  
Dispensados de formar,  
Enquanto estava a nevar,  
Ou mesmo quando chovia.

175

Numa peregrinação  
A Lourdes, o Capelão  
Arranjava para eu ir  
Como eu tinha as botas rotas,  
Prometeu de me dar outras;  
Mas eu não pude sair.

176

Havia de lhe ir falar,  
Mas não tinha que calçar  
E chovia a bom chover.  
Estava assim bloqueado  
Pela falta de calçado  
E nada lhe fui dizer.

177

Aonde Nossa Senhora  
Mãe de Deus, e Redentora,  
Apareceu a Bernadette,  
Queria eu ir também,  
Adorar a Virgem Mãe  
À Gruta de Lassalet.

178

Fato e botas me arranjava,  
Mas como descalço estava  
De nada pude ir tratar.  
O bom padre capelão  
Foi na peregrinação  
Sem eu o acompanhar.

179

Para mágoas espalhar,  
Eu começava a cantar  
Para os outros soldados:  
Em França os portugueses  
Passam fome, muitas vezes  
Descalços, esfarrapados.

180

Diz o jornal da caserna  
No estaminét, na taberna  
Esta notícia feliz.  
Vamos para Portugal!  
Mas em marcha triunfal  
Vamos primeiro a Paris.

181

Com destino a Portugal,  
Para Cherbourgo afinal  
Vão homens de artilharia.  
E na mesma ocasião  
Vai também o batalhão  
Comboio de Engenharia.

182

Veio para o Vinte e Dois  
Esta notícia depois  
Que me veio animar.  
Quem for amparo de mãe,  
Vai primeiro que ninguém  
A Portugal regressar.

183

Devia ser abrangido,  
Porque o meu mano querido  
Estava também mobilizado.  
E a minha pobre mãe  
Já não tinha mais ninguém  
Com amparo, ao seu lado.

184

Esperei, até que um dia  
Chama-me à secretaria  
O meu primeiro sargento.  
Diz-me: você vai marchar,  
Mas não tenho p'ra lhe dar  
Outro melhor fardamento.

185

Meu primeiro, não faz mal  
Que eu vá para Portugal  
Com fato velho e coçado.  
Direi com muito gosto  
Que não fugi do meu posto  
Quando fui bombardeado.

186

Em Berguete, na estação,  
Com grande satisfação  
Para Cherbourgo embarquei.  
Fui para o acampamento,  
E durante muito tempo  
A minha vez esperei.

187

Fui a uma povoação  
Passear por distracção,  
Sòmente p'ra me entreter.  
Vi então, estranha cousa!  
Casas cobertas de lousa  
Pedra preta, de escrever.

188

Até que enfim chegou o dia.  
Marchei com a artilharia  
P'ra esse porto de mar.  
Pois chegara a nossa vez,  
E num grande barco inglês  
Fomos então embarcar.

189

Já dentro da embarcação  
Comovido, penso então  
Nos perigos da batalha,  
Nos companheiros soldados,  
Que lá tombaram varados  
Pela maldita metralha.

190

No convés da embarcação  
Papel e lápis na mão,  
Faço à França a despedida.  
Numas humildes quadras  
Digo Adeus aos camaradas  
Que lá perderam a vida.

191

Adeus! Dez mil portugueses,  
Que em cemitérios franceses  
Lá deixámos sepultados!!  
A confirmar a lembrança,  
De que viemos a França  
Mais d'oitenta mil soldados.

192

Adeus, Adeus, Labacé  
Lacoutur e Lecturé.  
Rechebourgue, Ferme-Boá,  
Sector de Neuve-Chapelle,  
Campo de luta cruel  
Que jamais esquecerá.

193

O ferro levanta a proa,  
Faz-se ao mar, para Lisboa.  
A França já longe fica.  
Três dias a navegar,  
Ouço um inglês exclaimar:  
Caparica, Caparica.

194

Terra à vista, camaradas!  
Casas brancas e encarnadas  
Como as da terra natal.  
A Costa da Caparica,  
Sintra, Cascais e Benfica,  
São terras de Portugal!

195

Subam, subam, venham ver,  
Não duvidem, podem crer  
Esta terra é portuguesa.  
Vejo a torre de Belém,  
É a Pátria, a nossa mãe!  
É ela, é com certeza!

196

Para nos certificar  
Rompeu o sol a brilhar  
Afastando a neblina.  
E apareceu desta vez  
Um piloto português,  
Num barco a gasolina.

197

Com salvas de artilharia  
Saúdam-nos à porfia,  
Como manda a ordenança.  
Dizendo a toda a gente  
Que regressa um contingente  
Dos nossos heróis da França.

198

No Tejo, as embarcações  
Formam as tripulações,  
Saúdam-nos à passagem.  
Esta vulgar cortesia  
Para nós constituía  
Preito de justa homenagem.

199

Eu não posso descrever,  
A alegria e o prazer,  
A comoção e saudade,  
O que sente o coração  
Dizem os olhos então  
Ao ver a linda cidade.

200

Dia trinta e um de Março  
Não me esquece, não disfarço,  
Tenho-o sempre na lembrança,  
Dia em que eu desembarquei.  
Mas só quando completei  
Vinte e seis meses de França.

201

O desembarque. E depois  
Para Infantaria Dois.  
Entregar o equipamento.  
E logo no outro dia  
De comboio, até Leiria  
Para o nosso regimento.

202

A três de Abril regressei.  
A minha mãe abracei  
Com puro amor filial.  
Beijava-me ternamente  
E chorava de contente  
Por me ver em Portugal.

203

A rosa do meu encanto  
Que eu amava tanto, tanto,  
Fui procurar ao jardim.  
Mais linda, fresca e formosa  
Eu achava a minha rosa,  
Que ainda esp'rava por mim.

204

Precisei de me empregar.  
Fui pedir o meu lugar  
De ajudante vidraceiro.  
Mais de quatro anos na tropa,  
Já quase não tinha roupa  
E chegara sem dinheiro.

205

Trabalhava com coragem.  
Mais um corte e uma paragem  
Surgiu logo por meu mal.  
Desempregado fiquei.  
Só em Setembro é que entrei  
Para a Escola Florestal.

206

Fiquei a ganhar um escudo;  
No outro ano em Outubro  
Fui nomeado guarda.  
Por um pequeno salário,  
Resolvi ser funcionário  
Usando uma outra farda.

F I M